

RESENHA | BOOK REVIEW

O que falta em *Judas*, de Amós Oz

OZ, A. *Judas*. Tradução e glossário de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Regina Igel*

Judas, de Amós Oz, pode ser considerado um romance interessante por seu conteúdo temático, mas não tanto pelo tratamento literário que o revela. Como alguém notou antes, há um ensaio embutido no romance. Como todo ensaio, contém um silogismo, nesse caso, baseado na premissa de que certos indivíduos universalmente tachados como traidores nem sempre o foram. O equívoco maior, segundo o autor, se dá com Judas Iscariotes (assim chamado porque ele era de Cariot, uma cidade na Judeia) que durante milênios é tido como o judeu que traiu Jesus, seja por apontá-lo ou por beijá-lo, sendo que o beijo seria a senha entre Judas e os romanos para identificá-lo. Fez isso para alertar os algozes sobre quem era o acusado em meio aos demais apóstolos na praça em que se ergueria uma cruz, instrumento de tortura e morte que, inventado ou não pelos romanos, era por eles aplicado àqueles que julgavam “delinquentes” ou “dissidentes”. Para o “serviço” prestado, Judas teria recebido trinta moedas. O romance faz uma minuciosa revisão do incidente que teria acontecido há mais de dois mil anos, dando voz a Judas, que se explica pela extensão de um longo capítulo (p. 47).

Pela voz do próprio Judas e por explicações distribuídas ao longo do romance, Oz procura demonstrar que, ao contrário do que se acredita, Judas foi um dos mais fiéis seguidores de Jesus, talvez até o maior dentre eles, pois acreditou tanto na sua divindade e imortalidade que o estimulou a ir a Jerusalém e deixar-se levar pelos romanos. Isto porque, aceitando a divindade de Jesus, Judas tinha certeza de que o mestre não chegaria a ser crucificado, saltaria do objeto de tortura e seria consagrado como o divino filho de Deus. Para Judas, Jesus era imortal, como é

* Professora titular e coordenadora do Programa de Português na University of Maryland, College Park, Estados Unidos.

característico de uma entidade divina, o que, no entanto, não se mostrou verdadeiro. Diante do fracasso de seu plano e de sua desilusão, Judas se sentiu culpado por ter convencido Jesus a se deixar prender, e derrotado ao vê-lo morto. Assim, o peso da culpa e o sentimento de derrota o levaram ao suicídio.

Amós Oz procura mostrar que é pura invenção pós-data que Judas se tenha vendido por trinta moedas. Sendo dono de terras e de rebanhos, não iria denunciar Jesus por tal ninharia (como seria a quantia para um homem tão abastado) ou por dinheiro algum, visto serem dois grandes amigos. De todos os apóstolos, Judas foi o mais deslumbrado, o mais convicto da divindade de Jesus e o mais fiel de seus seguidores. Tampouco teria o encargo de mostrar aos romanos quem era Jesus, pois quem o desconhecia? Era o ser mais visto, ouvido, seguido e perseguido daquelas paragens. No entanto, Judas foi estigmatizado como seu traidor e os judeus são julgados, tantos mil anos passados, como seus herdeiros morais. (Em um passado não muito distante, a efígie de um homem vestido com trapos era erguida em alguma árvore ou parede para ser espancada ou “malhada” por homens, mulheres e crianças portando bastões ou martelos em suas mãos. A “malhação de Judas” tem sido executada no “sábado de Aleluia” em inúmeras localidades onde o Catolicismo é religião predominante. Com a passagem do tempo, em alguns locais têm-se substituído tais imagens por figuras de administradores e políticos contra os quais o povo guarda ressentimentos. A pancadaria expressaria desgosto popular pelos rumos do governo reinante.)

O romance também introduz certo item político (como se a questão do Judas não fosse política o bastante, ainda que tenha aspecto religioso). Amós penetra por terreno bem espinhoso, mas, na verdade, está dentro dessa arena há muito tempo. Seu posicionamento nesse campo é universalmente conhecido, e o romance apenas coloca em formulação ficcional o que o autor tem dito e escrito em artigos ao longo dos anos. No campo da política, o embate emblemático entre Ben Gurion e o personagem Shaltiel Abravanel, como narrado em *Judas*, revela o que cada um deles pensava e como agia em relação ao sionismo. O plano de Ben Gurion foi o que prevaleceu, como se sabe, enquanto Abravanel representaria os opositores a esse plano. Shaltiel é o pai falecido de Atalia, mulher de 45 anos que mora na casa onde um jovem, Shmuel Asch, conseguiu um emprego de acompanhante e interlocutor de Guershon Wald, um senhor semi-inválida. A moça é nora de Wald e viúva do seu filho Micha, que morreu na guerra de 1948, cerca de doze

anos antes do foco da narrativa. Amós Oz reuniu pela duração de um inverno, no cenário de uma casa de pedra, em Jerusalém, essas três pessoas: Atalia, Shmuel e Guershon, mais os fantasmas de Micha e de Abravanel. Shmuel se apaixonou por ela depois de um revés sentimental com sua ex-namorada Iardena, que o abandonara pouco antes para se casar com outro.

Sogra e nora, em momentos distintos, contam para Shmuel sobre a decepção de Abravanel, ativista político que imaginava um país onde judeus e árabes vivessem juntos, lado a lado e mesclados, sem identidade particular e sem denominação de Estado. Para os tempos de Ben Gurion, tais ideias não eram mais do que heréticas, e o levaram a ser expulso das organizações sionistas de então. Sofreu ostracismo e passou seus últimos anos isolado de tudo e de todos com quem tinha antes mantido amizade, como líderes políticos, intelectuais, artistas e gente do povo em geral – judeus e árabes, pois não fazia distinção entre eles. Visto como traidor da ideologia sionista não só por suas ligações políticas e amistosas, mas principalmente pela teimosia em firmar-se na sua ideia de Israel e Palestina como território comum aos dois povos, Abravanel morreu para o mundo muito antes de falecer, de manhã, tomando café e lendo um jornal, na cozinha de sua casa. Seus escritos, fórmulas para a convivência harmoniosa e talvez utópica entre judeus e árabes, foram destruídos por ele mesmo. Nada sobrou das suas ideias e lutas, dos projetos e miragens de um mundo ideal. O arquétipo representado por Abravanel no romance foi repellido da memória política, enquanto sobressaíram-se Ben Gurion e o sionismo prevalecente, com poucas modificações. Daí que se apresentam dois fusos ao redor dos quais gira a narrativa: a pseudotraição de Judas Iscariotes a Jesus e a ambígua traição de Shaltiel Abravanel ao sionismo, como era aceito então.

São inegáveis as virtudes literárias de Oz, já amplamente difundidas nos vários idiomas em que suas obras se encontram traduzidas. Esta narrativa, no entanto, parece não corresponder às coroas de louros que têm circundado sua cabeça riquíssima em imaginação, envolvendo paisagens, personagens, conflitos pessoais, dilemas políticos, interesses egocêntricos e paixões infelizes.

Em *Judas*, no entanto, o romancista refoga em movimentos circulares (indo e voltando ao mesmo ponto, às mesmas atitudes, às mesmas descrições), e, ao longo das primeiras cento e algumas páginas, certas situações não se desatam antes de além da metade do livro. Serão as últimas 160 páginas que mostrarão alguma atividade diferente e mais do que necessária para que

o romance tenha um episódio central – qualquer que seja – entre os personagens principais. Como narrativa, o texto pode ser reduzido a um conto ou, no máximo, a uma novela, isto é, entre história curta e romance.

As primeiras páginas se ocupam de descrições (repetidas e iguais entre si) de Atalia, que passou a ser a mulher dos desejos de Shmuel Asch, cerca de vinte anos mais jovem do que ela. Uma vez instalado no emprego de servidor e acompanhante quase silencioso das conversas com o sogro dela – o que acontece logo no início da narrativa –, o romance empaca nas intenções de Atalia, que permanecem veladas o tempo todo. Tampouco se faz mais ágil ao penetrar pelo cérebro labiríntico de Shmuel. Também descreve, de forma iterativa e quase *ad nauseam*, os cabelos revoltosos e impenetráveis do rapaz e sua barba abundante e enroscada. Shmuel é recortado como típico personagem romântico-popular: aquele que não se alinha ao convencional e cultiva um aspecto físico um tanto excêntrico, mirando-se e arrumando-se no espelho com frequência. O autor lhe empresta surtos asmáticos: na falta do que fazer com suas mãos, o personagem de vez em quando leva um tubinho à boca para aspirar. E, para completar o quadro romântico, aparece outra de sua faceta rebelde: cartazes com a foto de Che Guevara e de líderes similares a ele são pregados por Shmuel numa das paredes do seu quarto, localizado na água-furtada da casa. O desvão que lhe é destinado no alto de uma escadaria também faz parte da atmosfera de isolamento e solidão que se respira pela moradia daqueles quase esquecidos do mundo.

Dos três personagens vivos na residência, Atalia é a mais misteriosa, de poucas palavras, entrando e saindo da narrativa como se fosse a diva de alguma ópera. Nesse papel, ela lembra Carmen, de Bizet, sempre com uma das mãos num dos quadris, rodopiando pela cozinha da casa ou hermeticamente fechada no seu quarto, sua concha indevassável. Também é amplamente repetido que ela usava perfume exoticamente carregado de um aroma de violetas. Por essas imagens, o escritor parece reproduzir o padrão típico dos romances românticos de séculos anteriores: Atalia é mulher enigmática, de olhar difuso e presença inconstante, com ironia e sarcasmo engatilhados na sua boca áspera e isenta de sorrisos. Mas o modelo maior na sua construção parece ser os poemas medievais referentes às donzelas da Idade Média. Como elas, Atalia se faz inacessível a um simples humano idealista e fracassado em suas aspirações acadêmicas e amorosas, como é Shmuel Asch. Este chegara ao ponto de começar a escrever uma

dissertação acadêmica em que examinaria Jesus sob a ótica dos judeus, ou seja, Jesus visto pelos seus companheiros de fé. A falência comercial do pai, até então seu amparo financeiro, o impediu de continuar os estudos, daí a necessidade de buscar um emprego, o qual encontrou na casa pétrea de Guershon Wald.

Além de tomar chá com mel e fazer piada do deslumbramento de Shmuel por sua nora, Guershon falava e gritava ao telefone com personagens que se mantiveram incógnitos em todo o decorrer da narrativa. Contudo, como professor aposentado, encobre mal uma vibrante passagem pela história de Israel como militante do sionismo, representando a geração que fundou o país e que o manteve bem montado até o aparecimento da geração seguinte, representada por seu único filho, sacrificado para manter o sionismo vivo. A geração dos anos 1960 possivelmente estaria representada por Shmuel, um homem à deriva, sem eira nem beira, aguilhoado pela dificuldade em resolver sua vida. No decorrer do romance é observado como um fracassado, um *nébich*, como se define em ídiche (a língua de comunicação entre judeus do leste europeu, antes do Holocausto) um coitado, digno de piedade e, ao mesmo tempo, merecedor de censura.

Importante recurso literário empregado por Oz é o de afastar o narrador onisciente e entregar certas lacunas da história para serem preenchidas pelos demais personagens. É assim que Shmuel se informa do que aconteceu com aquela gente em 1948, e, depois, por relatos fragmentados: um pouco pela memória de Atalia, em um dos seus momentos generosos para compartilhar suas lembranças, e de um só jato por Wald, instigado pelo jovem. Outra disposição literária é a inclusão de carta, como aquela escrita pelo pai de Shmuel, pela qual se fica sabendo o quanto seus pais se sentiam culpados por ele ter abandonado os estudos e como queriam que seguisse o exemplo da irmã, labutando para se formar em Medicina numa universidade italiana. Os pais teriam traído seus sonhos universitários?

Uma aura romântica, característica literária do século XIX, é imposta pelo escritor nesse livro, embora um tanto deslocada de sua obra como um todo. É salientada em pormenores e por molduras coerentes com o clima pesado do inverno em Jerusalém: a casa de pedra é circundada por pedregulhos úmidos e, quando pisados, barulhentos; é isolada; não recebe visitas; há um degrau de madeira apodrecida na porta de entrada, reflexo da negligência dos seus principais moradores (o que provocou uma queda de Shmuel, daí ele ter refinado seu aspecto de “coitado”). Há noites chuvosas e frias; outras, luarentas e suaves. Passam gatos esfomeados e miando, e

tampouco faltam, para completar os quadros romantizados, ciprestes balançando-se à brisa ou ao vento. Nesse cenário, Shmuel é visto ora caminhando solitário e ensimesmado; ora estremunhando-se, envolto num cobertor, no parapeito da janela do quarto; ora sentado sozinho em um restaurante húngaro, sempre saboreando o mesmo prato quente.

Essas cenas e outras semelhantes fazem parte de quadros românticos tradicionais que Amós Oz apresenta no romance, os quais pouco ou nada acrescentam à sua formidável obra literária. Tudo indica que é uma narrativa armada com o objetivo de divulgar suas perspectivas sobre Judas, sobre a fundação do Estado de Israel e sobre a situação dos problemas entre palestinos e israelenses. Embora esses tópicos sejam muito importantes na narrativa, o entorno que os sustenta é fraco em contraposição à obra geral do escritor. Os personagens são superficialmente apresentados, não existe aprofundamento em nenhum deles, desenhados que são por breves e repetidas pinceladas descritivas. Ademais, agem segundo critérios românticos já bastante utilizados: isolamento, mistério, segredos, água-furtada, idealismo revolucionário, discussões políticas, algum verniz sentimental, um pouco de orvalho sexual, lembranças aflitivas, restrições pessoais, obstáculos mentais e assim por diante. Em suma, falta ao romance o que, em ídiche, se chama de *tám*, isto é, o gostinho, o sentido prazeroso que uma narrativa pode emprestar aos leitores e que não se encontra nesse novelo de atividades inócuas que não levam a lugar algum. Falta a tensão que estimularia a curiosidade em ver o que vai acontecer mais adiante. Mas é ao lembrar-se da repercussão positiva e justa da carreira literária do autor que se pode ir adiante, imaginando que algo está por ser descoberto; que uma epifania emocional talvez esteja ali perto, ao dobrar a esquina, ao virar uma página. Mas não há surpresas (com exceção de uma, interpretável pelo comportamento “generoso” de Atalia em certo momento da história), tampouco há um raio de esperança para qualquer um dos personagens. Todos eles – com exceção do morto Micha, falecido em circunstâncias mais do que trágicas – são apresentados como anti-heróis. Participam da trama com a equivalência de sufocados pela vida, pela morte e pela resignação, na falta de melhores recursos, ao *status quo* de seu país.

Retirando-se o mistério de Atalia ou de seu quarto, nada sobra da personagem. É feita de papel impermeável emprestado de uma ópera ou de peça teatral. Retirando-se a cabeleira encaracolada de Shmuel ou sua barba revoltosa, sobra um homem sofrido e infeliz, mas sem a dimensão literária que poderia trazer algum valor artístico à sua história dramática. Desligando-se

o telefone de Guershon Wald, sobra um homem amargurado pela morte do único filho, embora ainda disposto a criticar, zombar e rir das tragédias humanas. Talvez seja este homem o personagem melhor projetado entre os que perambulam pelas páginas do romance. Ou talvez seja Shaltiel Abravanel, como descrito por sua filha e por Guershon, o mais profundamente perscrutado pelo autor: aí estava um sonhador, um idealista, um homem que acreditava que árabes e judeus poderiam viver no mesmo torrão, conviver no mesmo território sem que fosse etiquetado como Estado Judeu ou Estado Palestino. Expulso das organizações sionistas então vigentes, foi marcado como traidor pelos que aderiram aos planos de configurar um Estado de Israel. Suas ideias foram decepidadas pela raiz e não há possibilidade de que sejam revividas, sendo os tempos outros e tendo as gerações passado por experiências que ele, Abravanel, não previra em seus planos.

O que resta de um livro como *Judas* é o desperdiçado potencial de ser um romance em que o narrador se aprofundasse nos personagens e não se apegasse quase exclusivamente à mensagem política que quis demonstrar. Pode ser visto como um romance de tese, faltando-lhe, no mínimo, o cinzelamento literário que tanto projetou o escritor em outras obras.

Acrescentam-se, ainda, algumas observações a respeito do livro em relação à edição brasileira: a tradução do hebraico ao português deixa a desejar. Há falhas de pontuação e sobram sentenças construídas sem cuidado como, por exemplo, na página 40: “Pareceu-lhe ter captado certo distanciamento, ou diferença, entre as palavras *dela* e a voz *dela*.” [grifos meus neste e nos demais exemplos], onde poderia ser “entre as palavras e a voz dela”. Outro engano se vê na página 47: “E *sobre* o teto de sua água-furtada, bem em cima de sua cama, desenham-se oceanos”. Bem, os desenhos devem estar *sob* ou *no* teto, não *sobre*. E, na página 154: “teve de combater uma leve sonolência que fez seu corpo relaxar na cadeira e seus olhos *piscar* e se *fechar*.” Não apenas faz falta uma vírgula depois de “sonolência”, como também parece que ainda não foi descoberto o infinitivo pessoal, essa maravilha da língua portuguesa, que tornaria a sentença bem melhor ao escrever “seus olhos *piscarem* e se *fecharem*”. Além dos trechos selecionados, a gramática portuguesa brasileira sofre “ferimentos” parecidos em outras passagens da narrativa.

Enquanto traduções de outras obras de Amós Oz no Brasil transmitem – dentro do possível enquanto tradução – o estilo e o brilho literário do autor, essa versão parece não ter

muito a ver com o estilo original. Nem sempre é possível emular o original, mas uma boa tradução consegue chegar bem perto. Nesse romance, parece que, em vez de tradução, se trata mais de uma “transmissão” em português, pois não mostra preocupação com o estilo do autor nem com a escolha correta ou adequada dos torneios e das ambiguidades presentes no original. Para finalizar, a contracapa do livro expõe uma apresentação um tanto alheia ao romance, introduzindo: “Cristo, o judeu fundador de uma religião”. Pergunto: desde quando Jesus fundou uma religião? Além disso, entra em contradição ao afirmar: “Amós Oz revolve, [...] o coração da tragédia palestina. Como *Judas* nos mostra de forma incontestante, o ódio sem motivo é sempre pior do que o amor sem motivo”. Bom, se há “tragédia palestina”, há ódio sem motivo? E existe “amor sem motivo” na narrativa? Fora de foco.

O tema da falsificação histórica do comportamento de Judas em relação à crucificação de Jesus já foi examinado por estudiosos versados naquele período da História. Amós Oz serviu-se de alguns dentre os trabalhos desses autores para corroborar seu ponto de vista da não traição de Judas, e é bastante convincente enquanto tese. Na outra face da moeda, não há como negar que Amós Oz é corajoso por manter sua posição com firmeza no setor da política israelense pós-1948. No entanto, nessa obra de ficção do escritor, de qualidades literárias comprovadas ao longo de uma carreira, esperava-se mais de sua criatividade. A narração em *Judas* pode chegar a ser interessante em alguns trechos, pois tem seus enlaces de ternura, historicidade e contemplações em ambientes internos e externos propícios, mas faltam à arte de narrar fibra, energia e sustentação emocional.